

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

LÓGICAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS NOS NOMES DE RUAS DA FRANÇA:
A HODONÍMIA E O CASO DE COLMAR

Dominique Badariotti

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n.2, Dezembro, 2016.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/71029>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação – Dezembro, 2016.

Associação dos Geógrafos Brasileiros

Seção Porto Alegre, RS, Brasil.

Boletim Gaúcho de Geografia

LÓGICAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS NOS NOMES DE RUAS NA FRANÇA: A HODONÍMIA E O EXEMPLO DE COLMAR ¹

Dominique Badariotti

Universidade de Strasbourg, dominique.badariotti@live-cnrs.unistra.fr

RESUMO

Os hodônimos seguem lógicas denominativas bem conhecidas, com fases claramente identificáveis: representação medieval dos nomes de ruas, lógica honorífica e politização dos nomes de ruas; lógica eclética contemporânea. Para a escolha do nome, tanto as práticas como as regras evoluíram ao longo do tempo: atualmente, na França, são os conselhos municipais que decidem os nomes das ruas. Além das lógicas gerais de designação das ruas, existem diversas especificidades locais que analisaremos através do exemplo de Colmar para que possamos conhecer e compreender melhor as cidades francesas e suas fases de desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes de ruas. Hodonímia. Toponímia. Geografia urbana. História urbana. Patrimônio. Colmar. Lógicas denominativas.

¹Tradução de Luciele Soares. Revisão de Patrícia Reuillard e Adriana Dorfman .

1. INTRODUÇÃO

Os hodônimos são um belo tema, segundo o historiador Daniel Milo (1997), belo, porém difícil. De fato, desde que ultrapassaram o estágio de designação vernacular para entrar na fase das denominações políticas, os nomes de rua tornaram-se um imenso quadro informativo das representações culturais e símbolos que nossa sociedade busca promover. Se descartarmos os nomes de inspiração local e aqueles muito insípidos, valorizando as flores, os pássaros ou as variedades de árvores, temos de reconhecer que não é insignificante batizar uma rua de “Joana D’Arc”, uma praça de “Salvador Allende”, ou de conferir nomes de cidades europeias a um bairro, como na Pequena Holanda² de Montbéliard ou na ZUP³ de Colmar. Convém, portanto, questionar o processo de designação das ruas e suas lógicas históricas e geográficas a forjarem a paisagem toponímica das cidades francesas.

A hodonímia, do grego *hodos* “estrada”, é o ramo da toponímia⁴ que se dedica especificamente aos nomes de locais e de vias de circulação e frequentemente tem atraído a curiosidade de estudiosos, inspirados por esse tema ao mesmo tempo popular e seletivo. Popular, pois visível aos olhos de todos nas vias quotidianas de circulação, e seletivo, pois a maneira tradicional de tratá-lo se focalizou na explicação do nome, nas razões do uso de um substantivo particular, fazendo desse tema sem utilidade aparente um campo de estudo reservado aos eruditos.

E, no entanto, além de idiográfico e anedótico, o estudo dos hodônimos pode adquirir um sentido mais geral e coletivo. Os hodônimos permitem, de fato, questionarmo-nos sobre os temas representativos de diferentes épocas, cada um contribuindo isoladamente para promover o simbolismo que cada sociedade quis exibir e perpetuar. A análise histórica possibilita, então, encontrar os contextos de criação dos hodônimos e compreender melhor as grandes lógicas de denominação utilizadas ao longo do tempo, esclarecendo o sentido dos símbolos então veiculados.

2 NT: Petite Hollande.

3 NT: A ZUP (sigla em francês para zona a ser urbanizada em prioridade) foi um procedimento administrativo de urbanismo utilizado na França entre 1959 e 1967, a fim de responder à demanda crescente de habitações.

4 A toponímia é um ramo da onomástica, a ciência dos nomes próprios que se divide em toponímia e antroponímia.

As formas tomadas por estes nomes são bastante variadas: pode tratar-se de valores (igualdade, justiça, solidariedade), de instituições (a República, a universidade, o teatro), ou de personagens (o resistente, o general vitorioso, o artista, o esportista, o filantropo) que se deseja dar como exemplo. Quaisquer que sejam eles, por trás do imenso índice de substantivos utilizados parece se desenhar uma ordem que não é acidental. Os nomes utilizados nas vias quotidianas de circulação merecem ser, portanto, analisados, visto que não são atribuídos por acaso. Qual é o papel destes nomes? Quais são os símbolos veiculados? Eles são idênticos de uma época à outra? Há temas dominantes? Essas são as questões que podem ser legitimamente colocadas.

Devido ao seu tamanho, a cidade de Colmar, com seus 600 hodônimos para 67 mil habitantes, é um laboratório ideal para trabalhar sobre esse tema. Sua história e seu contexto geográfico particular fazem dela um objeto de estudo dos mais interessantes. Nem tão pequena, nem tão grande, Colmar nos permite trabalhar qualitativa e quantitativamente os aspectos ao mesmo tempo históricos e geográficos dos hodônimos. Nossos esforços se concentraram primeiro na compreensão da criação da denominação em Colmar, que ora acompanha, ora resiste à “moda” nacional lançada por Paris. Depois, tentamos ver, com a ajuda de uma tabela de análise, em que os temas dos hodônimos de Colmar eram similares ou diferentes dos temas observados em outras cidades francesas.

2. AS LÓGICAS DE DOMINAÇÃO AFRICANA

Na França, assim como em Colmar, a história e a geografia dos hodônimos estão ligadas a diversas lógicas que sofreram alterações ao longo do tempo. A lógica de denominação “medieval” é a mais antiga: ela se caracteriza por seu aspecto funcional, favorecendo os usos locais. Essa lógica foi sucedida por uma que podemos qualificar como “honorífica”, criada em Paris, mas pouco aplicada no interior.

A seguir, a Revolução Francesa inovou, impondo uma lógica “ideológica” às escolhas dos hodônimos: no seu desejo de fazer tábua rasa, colocou em prática seu princípio, permitindo, pela primeira vez em grande escala, que ruas já referenciadas fossem desbatizadas. Essa iniciativa foi erradicada pelo Diretório e pelo Império, que autorizaram posteriormente as prefeituras a retomar os nomes antigos, buscando promover seus próprios valores, essencialmente militares.

Por fim, mais tarde, a lógica honorífica foi restaurada e completada pelos mais diversos temas, formando a lógica “enciclopédica”. Apesar dos períodos de mudança de nacionalidade ligados aos três conflitos franco-alemães, que se traduziram, inevitavelmente, por uma valsa de nomes de ruas, é esta última tendência denominativa que prevalece atualmente e marca mais amplamente os hodônimos de Colmar.

2.1. A REPRESENTAÇÃO MEDIEVAL DOS NOMES DE RUA

A lógica de denominação medieval é, antes de tudo, uma lógica funcional em Colmar e em todas as cidades francesas. O uso específico de diferentes espaços impõe os nomes de lugares, seja este uso religioso ou civil, isto é, social, institucional ou econômico.

A função civil do local pode ser simbolizada de várias formas. Por vezes, são os nomes das suas construções específicas (Rua do Arado, Rua das Cabeças, Rua da Bagatela, Praça da Antiga Alfândega⁵) que originam a denominação, mas, muitas vezes, é sobretudo da atividade que se trata. Os locais têm, então, nomes referindo-se às atividades que eles recebem: o comércio (Praça do Mercado das Frutas, Rua dos Comerciantes), o transporte (Rua dos Barqueiros), a produção e a fabricação de peles (Rua dos Curtidores), a do pão (Rua dos Padeiros), o açougue (Rua dos Carniceiros), ou a pesca (Rua dos Pescadores)⁶. Em suma, são os diversos grupos profissionais e corporações que contribuem para a designação de diferentes locais da cidade, como a Rua da Montanha Verde ou das Seis Montanhas Negras⁷, ou ainda derivados de práticas sociais específicas desses locais, como a Rua dos Antepassados⁸ (que circunda o antigo cemitério Ste. Anne).

O uso religioso é o segundo grande tema dos nomes dos hodônimos medievais. Em Colmar e por toda a França, encontramos um vasto conjunto de referenciais sacros onde se misturam os santos, as ordens religiosas e os locais de culto. Esses estão, de fato, fortemente presentes no centro histórico,

5 NT: Rue de la Herse, Rue de Têtes; Rue de la Bagatelle; Place de l’Ancienne douane.

6 NT: Place du Marché aux Fruits, Rue des Marchands; Rue de Batelliers; Rue de Tanneurs; Rue des Boulangers; Rue de Tripiers; Rue de Pêcheurs.

7 NT: Rue de la Montagne-verte ou des Six-montagnes-noires.

8 NT: Rue des Ancêtres.

como a Rue des Prêtes que remonta a 1368, ou a Rue Saint-Jean, batizada assim desde 1603, a Rua dos Agostinianos que data de 1652, ou ainda a Praça da Catedral⁹.

Muitos desses topônimos foram preservados até hoje no centro histórico da cidade. Se descartarmos as tentativas revolucionárias, que alteraram provisoriamente os nomes associados à religião ou à monarquia, os hodônimos medievais evoluíram muito pouco desde sua criação. Isso reforça a ideia, cara aos defensores dos hodônimos medievais, de que os nomes das ruas conservam a memória coletiva. O sistema primitivo de denominação, que caracteriza o período do Antigo Regime, permanece, assim, patrimônio do centro histórico. Nele se percebe uma notável coesão denominativa, já que mais de 50% dos hodônimos fazem referência seja a construções ou locais de valor histórico, seja a corporações de ofício.

2.2. A ERA CLÁSSICA E OS ILUMINISTAS: A LÓGICA HONORÍFICA NACIONAL

No auge da era clássica, a lógica de denominação medieval é substituída por um sistema totalmente diferente, que visa desconectar os hodônimos das atividades que lá se encontram, reservando-os à glorificação dos grandes do reino. De acordo com esse sistema, preconizado por Sully desde 1600, os nomes de ruas não podem mais ser impostos pelos usuários, mas devem ser escolhidos pelo poder central. Podemos ver nessa grande transformação o simples desejo de um homem a serviço de seu monarca: isso seria ignorar os grandes movimentos através da França. Segundo Milo (1997), as razões dessas mudanças importantes na determinação de nomes de rua são tanto históricas como políticas. Ao tomar essa iniciativa, o poder real, no seu projeto constitutivo de um Estado central, apodera-se de fato do monopólio denominativo, ao mesmo tempo que se aproveita de outros monopólios: monopólio da violência e das armas, monopólio da ordem e da polícia e monopólio da moeda e dos impostos.

A ruptura com a lógica medieval é total: antes, os usos locais, depois, a memória coletiva nacional; de um lado, a iniciativa privada, do outro, o monopólio público. A ruptura é total, mas não é imediata, visto que essa nova lógica é inserida progressivamente nos usos, deixando a lógica medieval transbordar amplamente

9 NT: Rue des Prêtes; Rue des Augustins; Place de la Cathédrale.

do quadro estrito da Idade Média para cobrir um período que vai de fato, e no interior do país, até o fim do Antigo Regime. Certamente, Paris e algumas poucas cidades do interior, como Nantes, serviram de exemplo durante as operações de urbanismo, como a construção do teatro Odeon (1779) ou do bairro Graslin (1880). Mas a criação de novas vias era rara nesse período, principalmente nas cidades muradas, o que significa que essa forma de denominação praticamente não chegou às cidades do interior que, deste modo, ignoraram totalmente o sistema honorífico nacional. Em Colmar, não ocorreram ações de urbanismo propícias à introdução do novo sistema denominativo: a cidade se expandiu para além de seus muros só depois de 1800 e não sofreu reorganização significativa de seu tecido urbano na época. Resultado: em Colmar, não há nenhuma rua cuja denominação seja anterior a 1790, obedecendo a essa lógica.

3.3. AS NOVAS DENOMINAÇÕES DA REVOLUÇÃO FRANCESA

A ação específica da Revolução, tanto para os hodônimos como para os nomes de cidades, foi procurar exaltar as ideias revolucionárias alterando os nomes de locais já estabelecidos há muito tempo. É um fato bem conhecido que a Revolução não se contentou em identificar as novas vias, ela também renomeou os principais pontos da cidade e rebatizou amplamente os hodônimos, baseando-se em uma lógica ideológica que preconizava os valores revolucionários.

Os topônimos, após terem refletido a morfologia funcional da cidade, tornaram-se simples suportes de propaganda. Esse movimento não se limitou à França. Outros países, apanhados pela tempestade revolucionária na mesma época, adotaram atitudes idênticas. Os Estados Unidos, por exemplo, também cederam à tentação ao mesmo tempo ideológica e patriótica que fez com que ruas com nomes excessivamente monárquicos fossem desbatizadas.

Em um romance autobiográfico escrito em 1849, Herman Melville (1976, p. 247) relata como uma deputação composta de dois barbeiros havia informado por escrito ao rei da Inglaterra que “na febre da liberdade, uma assembleia entusiasta de cidadãos havia declarado solenemente indigno o Rei Jorge e a rainha consorte de se verem imortalizados na cidade” e haviam então, substituído seu nome pelo de algum patriota da Guerra da Independência ou por algum valor da nova nação!

Tabela 1: Denominações antigas, revolucionárias e atuais de alguns hodônimos de Colmar¹⁰

Denominações antigas	Denominações Revolucionárias	Denominações atuais
Schlossergasse	Rue Jean-Jacques Rousseau	Rue de Serruriers
Theinheimer Vorstadt	Rue Marat	Rue Vauban
Capuciner-gasse	Rue Voltaire	Rue Rapp
Schulgasse	Rue Patriote	Rue des Ecoles
Neu Platz	Place de la Révolution	Place de la Cathédrale
Schlüsselgasse	Place de la Convention	Rue des Clefs
Linckengasse	Rue de la Comédie	Rue des Augustins
Pfaffengässel	Rue de la Raison	Rue des Prêtres
Judengasse	Rue de l'Égalité	Rue Berthe-Molly

Fonte: Elaboração de Badariotti, 2015.

As novas denominações da Revolução se voltam, então, para o futuro e tentam apagar as marcas do Antigo Regime. A maior parte dos nomes evocando a monarquia e a Igreja é apagada e substituída por nomes revolucionários entre 1792 e 1794. Essa operação ocorre febrilmente, de modo intermitente e vertiginoso no âmbito dos conselhos municipais¹¹. Milo (1997, p. 189) afirma que os nomes de Rouen, Saint-Étienne ou Lille foram republicanizados em uma única sessão em 1793 e que o mesmo aconteceu com Toulon em 1794 e Nantes em 1795. Passasse, assim, em um só dia da era honorífica à era ideológica. Colmar é tomada da mesma fúria de desbatizar (Tabela 1): uma rua dos Jacobinos apaga a dos Jesuítas até 1812, uma rua das Escolas assume um lugar que ela manterá até os dias de hoje. Nomes como Rousseau, Voltaire ou Marat são consagrados; valores políticos como o patriotismo e a Revolução são sacralizados; as novas instituições, como a Comédia e seus valores ideais, a igualdade e a razão, são louvados.

10 NT: Algumas denominações atuais retomam as antigas, porém trocando o alemão pelo francês, por exemplo: *Schulgasse* e *Rue de Ecoles* significam *Rua da Escola*; *Schlüsselgasse* e *Rue des Clefs* significam *Rua das Chaves*; *Pfaffengässel* e *Rue de Prêtres* significam *Rua dos Sacerdotes*.

11 Após a criação das comunas, os conselhos municipais são encarregados de definir os nomes de suas ruas.

2.4. O DIRETÓRIO E O IMPÉRIO

A febre muitas vezes cai tão rápido quanto sobe. A partir do Diretório, as ruas não são mais rebatizadas e o período seguinte, napoleônico, restabelece progressivamente os antigos hodônimos, ao mesmo tempo criando os nomes recentes, que evocam as vitórias imperiais e os oficiais mortos. O sistema ideológico venceu: as ruas da Igualdade, da Razão¹² ou dos Sans-Culottes tornam-se exceções nas cidades francesas de hoje; mesmo a Rua da Revolução¹³ existe em apenas 6 das 95 prefeituras francesas (Milo, 1997, p. 1911). Em Colmar, o mesmo acontece: nenhum dos nomes revolucionários foi conservado, por razões, no entanto, ligeiramente diferentes das outras cidades francesas. De fato, o sistema ideológico revolucionário não registrou uma intensidade comparável à das outras cidades, o que limitou os problemas de restauração dos nomes antigos e refeou as possibilidades de propagação dos nomes revolucionários. Além disso, as novas denominações revolucionárias de Colmar consistiram essencialmente em operações para desbatizar as ruas e praças existentes, já que o desenvolvimento urbano da cidade durante a época revolucionária foi quase nulo: esse princípio evidentemente facilitou de forma considerável o retorno à situação anterior, no fim do período revolucionário, visto que bastava exumar os nomes precedentes que ainda eram usados pelos habitantes mais antigos de Colmar.

Deste modo, quase nenhuma das designações atuais de Colmar tem suas origens no período revolucionário ou do Diretório, e mesmo o Império é muito mal representado. Entre os nomes antigos que sobreviveram, notamos um vazio que corresponde a este período anteriormente descrito entre 1760 e 1810.

O sistema de hodônimos revolucionários, que glorifica o povo, a nação, a União e o patriotismo, não resistiu em Colmar, restando apenas duas avenidas, uma da Liberdade e outra da República, inspiradas, no entanto, em um elemento específico¹⁴ mais recente, assim como os bairros no qual se situam.

12 NT: Rue de l'Egalité; Rue de la Raison.

13 NT: Rue de la Révolution.

14 Uma hodonímia compõe-se sempre de dois elementos distintos: o elemento genérico e o elemento específico. O genérico remete ao tipo de entidade geográfica considerada (praça, rua, avenida, boulevard...), enquanto o específico identifica de modo individual o local ao qual concerne a toponímia.

2.5. A LÓGICA ENCICLOPÉDICA

Uma vez concluída essa epopeia romântica, a coesão denominativa termidoriana finalmente desapareceu, substituída pelo formalismo e pelo ecletismo enciclopédico da Restauração. Esta nova tendência lança, involuntariamente, os fundamentos da era hodonímica contemporânea. Ela é marcada por uma importante mistura de gêneros, já que os hodônimos se inspiram nos mais diversos elementos: ora homens célebres, ora localidades significativas, próximas ou distantes, ora essências botânicas.

Ecletismo rima com localismo: ao contrário de Paris, onde o local e o nacional se confundem, as cidades do interior privilegiaram, sobretudo, em suas referências a homens célebres, um sistema honorífico predominantemente local. Em Colmar, por exemplo, as únicas três ruas que mantiveram um nome designado durante esse período são: a Rua da Ovelha¹⁵ (1818), a Rua Basque¹⁶ (1810) e a Rua Rapp¹⁷ (1830).

O século XIX não é avaro em novas denominações, uma vez que coincide com o início do grande crescimento urbano que tanto marcou as cidades. Todo o pericentro de Colmar foi urbanizado nessa época. Essas extensões conferiram ao Conselho Municipal um terreno de satisfação relativamente vasto em matéria de nomes. Contudo, apesar das amplas possibilidades de conferir novos nomes às ruas recém-criadas, continuou-se, por vezes, a rebatizar algumas ruas antigas. Três grandes ondas de rebatismo dos hodônimos atingiram sucessivamente Colmar em 1872, 1888 e 1898, confirmando nas suas escolhas a tendência enciclopédica. Entre essas ondas, os anos de 1872 e 1888 atingiram particularmente o centro histórico com 6 e 21 novos hodônimos, apesar do acréscimo de novas ruas ligadas ao grande crescimento urbano no atual pericentro.

No século XX, o ecletismo denominativo predomina, principalmente nos nomes de dezenas de ruas criadas a partir do final do século XIX. De fato, esse período foi particularmente rico em extensões urbanas em Colmar, visto que ao antigo centro urbano acresceram-se na virada do século (1870-1918) o bairro Logelbach, consagrado às cidades da Europa, assim como aos locais e construções históricas; o bairro St. Joseph, destinado à religião cristã e aos estudiosos; o bairro

15 NT: Rue du Mouton.

16 Pierre Basque (1697-1764), homem da lei, foi sobretudo conhecido como Stettmeister (presidente da câmara) e benfeitor do antigo hospital, do qual instituiu os pobres legatários universais.

17 Jean Rapp (1772-1821), nativo de Colmar foi general-em-chefe do exército imperial de Reno antes de servir aos Bourbons após a queda do Império.

Maraîcher, dominado pelas referências à toponímia local descrevendo os lugares de acordo com suas características físicas (humidade, topografia, ambiente vegetal ou cultural...); assim como a primeira extensão residencial Sul. Em seguida, durante o período entre guerras (1918-1939), Colmar ainda se expandiu com o bairro Voges, onde os hodônimos recordam locais ou construções históricas; o bairro Nord-ouest, dedicado às cidades da região; o bairro Ladhof, onde a parte oriental é dedicada à flora e a parte ocidental aos artistas, sobretudo aos músicos. Por fim, os bairros do pós-guerra (1945-2000), de grandes conjuntos habitacionais como a ZUP, tem nomes dedicados quase exclusivamente às cidades da Europa, completaram a imagem da cidade que nós conhecemos hoje em dia.

3. REGRAS E PRÁTICAS DENOMINATIVAS NA FRANÇA

3.1. HISTÓRIA DA REGULAMENTAÇÃO DENOMINATIVA

A história da regulamentação denominativa acompanha evidentemente a evolução das lógicas de designação mencionadas acima. Historicamente, podemos perceber três grandes etapas e cinco níveis nesse processo:

° Antes de 1600, na França, assim como por toda a Europa, as denominações são de iniciativa privada e popular. O uso dos locais estabelece a escolha dos hodônimos, que as tradições orais populares perpetuam, conseqüentemente.

° A partir de 1600, a denominação das ruas passa a ser progressivamente monopólio público e monárquico, seguindo a ideia de Sully, que propõe a adoção de hodônimos que não tenham relação direta com o local designado. Essa transformação do poder denominativo do âmbito privado e popular ao Rei acompanha, segundo Milo (1984, p, 189), o processo geral de monopolização dos principais poderes que permitiu chegar ao absolutismo. O monopólio denominativo se exerce conseqüentemente na medida do possível, funcionando melhor em Paris do que no interior e valorizando os poderosos do reino ou os notáveis regionais

° 1728 é uma grande data para os hodônimos na França, pois é nesse momento que surgem as primeiras placas de nomes de rua em Paris, que vão permitir que os hodônimos se consolidem e se perpetuem além da tradição oral, que, como todos sabem, é conservadora.

° A construção do bairro do teatro Odeon em Paris e sua inauguração em 1779 propiciam uma boa oportunidade para inovar, praticando pela primeira vez a promoção hodonímica não dos contemporâneos de sangue real, mas das

verdadeiras glórias da nação (Corneille, Racine, Molière...).

° Com a Revolução, transformações profundas afetam as regras de estabelecimento dos hodônimos. Em 1789, o monopólio denominativo real é transferido aos conselhos municipais das cidades recém-criadas: doravante, são esses conselhos que vão estabelecer os hodônimos, o que permite a conservação de um certo localismo nas escolhas dos nomes.

3.2 UMA TOMADA DE DECISÃO ORGANIZADA

Desde a Revolução, é o conselho municipal, portanto, que define os novos hodônimos. É conveniente questionar quais as regras e usos em vigor, no que se refere à instrução das decisões do conselho municipal. Um estudo sumário mostra que coexistem diversas soluções. Nas grandes cidades, como Estrasburgo, uma comissão municipal é encarregada, em geral, de estudar a questão e propor ao conselho municipal os novos nomes que este endossará, enquanto, nas pequenas cidades, o próprio prefeito assume frequentemente a liderança e se arroga o privilégio de instruir o dossiê que o conselho validará.

Embora nenhum texto imponha, a instrução do dossiê passa tradicionalmente por uma consulta dos habitantes antes da adoção de um nome. Segundo uma nota ministerial, é até mesmo necessário solicitar a opinião dos descendentes de figuras previstas em potencial, caso esses não desejem que o nome de seu ancestral seja dado a uma rua. Seja como for, a decisão final cabe ao conselho municipal: o prefeito não tem o direito de batizar uma rua sozinho, por decreto municipal, sem passar por seu conselho. Essa última disposição, embora antiga, só recentemente foi aplicada a todo o território. Na Alsácia-Mosela, uma situação derogatória ligada ao direito local autorizava o prefeito a estabelecer por simples decreto o nome das ruas até 1994, data na qual uma jurisprudência do tribunal administrativo de Estrasburgo obrigou os departamentos do Leste a aderirem às práticas do resto da França.

2.3. A DELICADA ESCOLHA DO NOME

É igualmente interessante conhecer os usos, no que se refere à escolha do nome. Antes de tudo, deve-se saber que não é obrigatório batizar as ruas, embora, em geral, todas as cidades o façam. Da mesma forma, podemos muito bem adotar um sistema numérico no estilo americano, ou alfanumérico como em Mannheim, na Alemanha, mas esses sistemas são pouco praticados na França por

razões históricas e geográficas. Em primeiro lugar, esses usos não fazem parte das tradições denominativas francesas, onde sempre se tentou nomear as ruas, mesmo nas colônias ou nas novas cidades. Além disso, a geografia urbana tradicional das cidades francesas, com seus entrelaçamentos de ruas no centro, não atende à coerência rígida dos sistemas numéricos e alfanuméricos.

Em princípio, todos os nomes são permitidos, salvo se violarem os bons costumes ou a ordem pública, o que confere uma vasta escolha aos conselheiros municipais. Mas a maior parte do tempo, quando essas não caem na insignificância total (rua das Flores¹⁸), nem no aspecto puramente informativo (rua da Estação¹⁹), as municipalidades privilegiam os aspectos simbólicos ou comemorativos. Para homenagear alguém em particular, a prática pretende que não se batize a rua em vida e até mesmo que se esperem cinco anos após seu falecimento. Esses dois pontos têm, porém, numerosas exceções: as ruas de Gaulle multiplicaram-se enquanto ele era vivo; a rua Valéry Giscard d'Estaing substituiu a Rua Principal²⁰ da cidade de Reitwiller logo após as eleições presidenciais de 1974; Pierre Pflimlin, o último presidente do Conselho da Quarta República, pôde, ele mesmo, inaugurar sua rua em Sausheim (Alto-Reno) em 1997; quanto às ruas e praças Mitterrand, elas floresceram em muitos locais nos primeiros meses após sua morte. Por fim, a denominação deve, em princípio, ser reservada a personalidades que se distinguiram por seus serviços prestados à coletividade. Mas isso nem sempre é verificado: por exemplo, em Eygalayes (Drôme), foi uma mãe de família de 37 anos de Vaucluse, Pascale-Vergès, completamente desconhecida, que deu seu nome à nova praça do loteamento. É verdade que, nesse caso, o processo de instrução do dossiê tomou um rumo completamente particular!

A escolha do nome é, então, uma operação delicada, que é enquadrada por regras de uso e que se depara, por vezes, com a insatisfação dos administrados. Por exemplo, a escolha do nome do General Bigeard para uma rua desencadeou uma polêmica em Trimbach (Baixo-Reno), pois o prefeito pretendia honrar o general mais condecorado da França e antigo ministro da defesa, enquanto seus críticos (a ANACR, Associação Nacional dos Antigos Combatentes da Resistência, entre outros) o censuraram por honrar um militar acusado de ter utilizada a tortura na Argélia.

18 Rue des Fleurs.

19 Rue de la Gare.

20 La Grand-Rue.

3.4. QUANDO AS RUAS MUDAM DE NOME...

Renomear uma rua pode ser ainda mais delicado do que nomeá-la. De fato, essa operação vai afetar diretamente os habitantes cujos endereços vão mudar sem que eles mesmo se mudem. Pode-se facilmente imaginar os mal-entendidos e problemas diversos e práticos que podem resultar de tal decisão: o correio não chega mais, é preciso mudar os mapas e cadastros e, de maneira geral, todos os bancos de dados geográficos referentes ao antigo nome, sem falar dos habitantes que podem não aderir ao novo nome.

A figura 1 ilustra, com traços de humor, o resultado da desbatização de uma rua de Estrasburgo em 2015: trata-se do Rond Point de l'Esplanade, que foi rebatizada como "Place de l'Esplanade" depois que grandes obras de urbanização suprimiram, em 2007, a rotatória que se encontrava nesse local para substituí-la por uma praça de forma retangular.

Figura 1: A Rotatória da Esplanada?



Em razão dos inúmeros problemas gerados por uma mudança de nome, as cidades são, então, bastante cautelosas e com frequência se contentam em rebatizar porções de ruas... sem habitantes! Assim, em Estrasburgo, quando o Quai Pasteur foi rebatizado Quai Menachem Tafel, em 2011, não havia praticamente nenhum imóvel comunicando com esse cais: sem endereço, sem problema!

Contudo, ainda assim há casos em que ruas habitadas são realmente desbatizadas sem grande consideração com os moradores; a maioria dos casos por

razões políticas ou ideológicas. Deste modo, em 2014, em Elne, no sul da França, os hodônimos de um bairro homenageando líderes femininas da Resistência, frequentemente de esquerda, foram rebatizados e substituídos por nomes masculinos dos cumes das montanhas arredores, sob o pretexto de regionalismo: assim a rua Geneviève de Gaulle se torna a rua Canigou, a rua Lucie Aubrac se torna a rua Fondfrède e etc. Em Villejuif, no mesmo ano de 2014 – um ano de alternância política nas prefeituras francesas –, desbatizou-se a praça George Marchais, antigo primeiro secretário do Partido Comunista Francês e, portanto, um político de primeira linha dos anos 1970 e 1980 que residia em Villejuif, transformando-a em praça George Mathé, nome de um médico de direita, opositor de George Marchais no conselho municipal. Por que George Mathé? Sem dúvida para conservar uma vaga ligação fonética com o nome precedente!

4. ESPECIFICIDADES HODONÍMICAS: COLMAR

As lógicas observadas são encontradas em doses variadas em muitas cidades francesas. Mas, além de uma semelhança de categorias de toponímias, há espaço para que as expressões locais de manifestem? É necessária uma análise comparativa das práticas em vigor em outras cidades para responder a essa pergunta. Assim, a análise cruzada dos hodônimos presentes nas maiores cidades francesas mostra claramente que existem lógicas de denominação que criam uma ligação implícita entre essas várias cidades. Contudo, podemos igualmente constatar que especificidades locais permanecem: elas se exprimem, muitas vezes, através de figuras escolhidas, celebridades locais ou regionais, mas por vezes são os próprios princípios de denominação que são diferentes. É interessante observar como Colmar se posiciona nessa paisagem feita de semelhanças e diferenças.

4.1. LÓGICAS IDÊNTICAS, NOMES DIFERENTES...

Fenômeno conhecido, alguns bairros, motivados por uma moda, têm um tema que lhes é inteiramente consagrado. Em Colmar, por exemplo, é o tema dos músicos que se vê na parte ocidental do bairro Ladhof, enquanto a ZUP se caracteriza pelas capitais europeias, e os nomes medievais dominam a paisagem do centro histórico, semelhante ao que acontece em diversas outras cidades. Se, nesses exemplos específicos, os nomes são, sem dúvida, diferentes de uma cidade para outra, as lógicas denominativas permanecem similares: buscam destacar a

homogeneidade de alguns bairros utilizando hodônimos relacionados, nomes de flores, cidades, regiões, músicos, artistas. Essa lógica é frequentemente criticada, pois não busca sua inspiração na história, o que faz pensar que alguns desses bairros são vítimas infelizes da preguiça do Conselho Municipal, que se traduz por uma falta de perspectiva histórica na escolha dos hodônimos.

Além disso, sabemos que a manutenção de um sistema honorífico local afetou as cidades do interior. Sem dúvida, esse sistema instigou em Colmar, como em outras cidades, uma espécie de patriotismo local. Esses personagens, frequentemente pouco conhecidos, são, por vezes, ex-prefeitos, como Gabriel Morel (1769-1842), Jean Baptiste de Peyerimhoff (1809-1890), Camille Schlumberger (1831-1897) e Jean Baptiste Fleurant (1937-1903), ou então industriais locais, como Jean Ulrich Metzger (1752-1836), Edmond Fleischhauer (1812-1896) e André Kiener (1856-1928), ou ainda políticos da região, como Emile Wetterlé²¹. Certamente não são as vias mais importantes que levam seu nome, mas se encontram em diversos pontos da cidade, especialmente no centro histórico e nos bairros pericentrais (mapa 1) e podem, assim, exercer certa influência na representação simbólica que podemos ter de toda a cidade. Entretanto, isso não impede que se questionem os limites desse sistema honorífico.

Qual é o valor da memória de um nome de rua que, por vezes, só a erudição permite recuperar? Há de fato em Colmar alguns nomes de vias, ligadas a personagens locais que tangem a história do lugar: por exemplo, a rua Stockmeyer²² ou ainda Widerkehr²³.

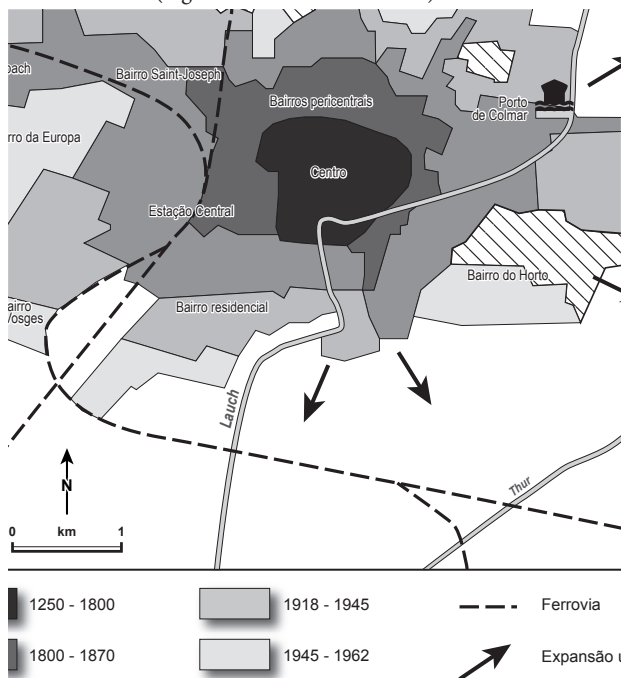
Existem outras semelhanças entre as capitais de departamentos. Por exemplo, a porcentagem de figuras políticas recentes parece modesta em Colmar (4,5%), mas esse número corresponde, na verdade, a uma estimativa baixa que descreve as

21 Emile Wetterlé, dito abade Wetterlé (1861-1931) é conhecido por se opor nergicamente à política alemã na Alsácia. Ele foi um dos fundadores do Landspartei, o Partido alsaciano-loreno, que reivindicava uma autonomia da Alsácia-Lorena dentro do Império Alemão. Por essa razão, ele lutou para que fosse reconhecido o *status* de Estado federado à Alsácia-Lorena, isto é, de Estado confederado, o que foi finalmente concedido em 1911.

22 Martin Stockmeyer (? - 1802), barqueiro e oficial municipal, apelidado, por vezes, de Hércules de Colmar, tornou-se célebre em 4 de fevereiro de 1791 por ter dispersado, com a ajuda de alguns vizinhos armados de bastões, uma multidão hostil se preparando para atacar três comissários enviados pela Assembleia Nacional para acalmar os ânimos bastante exaltados pela obrigação atribuída ao clero de prestar juramento à Constituição.

23 Louis Widerkehr (1823 - 1887) é um industrial de Colmar, muito famoso em toda a Europa no século XIX por suas carruagens. Seus carros, elegantes e robustos, rivalizavam com as melhores máquinas francesas ou inglesas: eles receberam muitos prêmios em diversas exposições internacionais do século.

Mapa 1: As etapas do desenvolvimento urbano e os bairros de Colmar (segundo H. Nonn 1982-1986)



Fonte: Badariotti, 2015.

figuras celebradas unicamente por seu papel político. Muitas figuras eram também homens da ciência ou do direito ou simplesmente industriais que ocupavam, muitas vezes, além de suas funções de empresários, cargos políticos fundamentais. Para essas figuras complexas, é difícil saber hoje quem se buscava homenagear: o barão da indústria, o erudito ou o político. Então, levando em conta esse último aspecto, é possível, ainda assim, afirmar que em Colmar, como em todas as outras prefeituras, eles representam uma fração importante de denominações. Como último aspecto, constata-se também que, em certas cidades, os três modelos principais da memória coletiva são o gênio, o santo e o herói, com uma preferência pelos heróis do passado recente. Colmar não foge a essa observação, com três avenidas dedicadas a de Gaulle, Clemenceau ou ainda Poincaré, enquanto os heróis do passado longínquo, como Vercingétorix ou Carlos Magno, por exemplo, estão, de fato, praticamente ausentes nos hodônimos de Colmar.

Quadro 2: Comparação entre os hodônimos mais frequentemente citados nos planos de 95 municipalidades e aqueles que existem em Colmar (segundo D. Milo, 1997, p. 1911)

Hodônimos	Total	Grandes eixos	Presença (1) ou ausência (0)	Representam um grande eixo em Colmar
1. République	81	81	1	Sim
2. Victor Hugo	81	38	1	Não
3. Gambetta	78	45	1	Não
4. Jean Jaurès	78	39	1	Não
5. Pasteur	78	26	1	Não
6. Général Leclerc	16	48	1	Sim
7. Clémenceau	73	43	1	Sim
8. Foch	72	45	1	Sim
9. De Gaulle	68	61	1	Sim
10. Carnot	66	41	0	-
11. Jeanne d'Arc	63	15	1	Não
12. Curie	63	10	1	Não
13. Aristide Briand	60	38	0	-
14. Voltaire	60	13	1	Não
15. Anatole France	56	19	0	-
16. Jules Ferry	55	14	0	-
17. Emile Zola	55	11	0	-
18. Molière	52	5	0	-
19. Kennedy	49	28	1	Não
20. Michelet	49	10	1	Não
21. St-Exupéry	48	8	0	-
22. Lamartine	48	5	0	-
23. JJ Rousseau	47	3	1	Não
24. Lavoisier	45	5	1	Não
25. Debussy	45	3	0	-
26. Balzac	43	3	1	Não
27. La Fayette	42	5	0	-
28. Berlioz	42	1	0	-

Fonte: Elaboração de Badariotti, 2015.

O quadro 2 identifica os principais hodônimos observados por Daniel Milo (1997) nas municipalidades francesas. Uma triagem de ordem histórica demonstra que, nos 13 primeiros nomes de grandes homens listados em pelo menos dois terços das cidades, 9 estão ligados à Terceira República entre 1882 (Léon Gambetta) e 1932 (Aristide Briand). Diante dessa elite da Terceira República, os outros personagens principais de outras épocas da história da França são menos significativos em Colmar. A Idade Média é certamente representada pela Praça Joana D'Arc, mas os Iluministas, com Voltaire, por exemplo, certamente mereceriam melhor representação. É necessário dizer que Colmar, devido a seu tamanho médio, não comporta um grande número de praças e avenidas e que deve, portanto, ser mais seletiva nas denominações do que suas irmãs maiores.

3.2. A EXPRESSÃO DA PARTICULARIDADE HODONÍMICA DE COLMAR

Com base no quadro 2, nota-se imediatamente que os autores franceses são pouco significativos em Colmar. O espaço dado aos nomes de outras pessoas além dos santos, dos gênios ou dos heróis é reduzido e as vias atribuídas a eles são, com frequência, modestas: estudiosos, artistas e escritores são ignorados, salvo quando lhes é atribuída uma atitude política (Victor Hugo, Voltaire, René Schickel²⁴). Embora incluindo no mesmo tema os artistas e escritores, não identificamos em Colmar mais do que vinte nomes de personalidades de notoriedade nacional que não tenham interferido na história local. Ao contrário, há uma grande variedade de glórias regionais ou locais com não menos do que 18 autores da Alsácia. Tudo se passa como se o Conselho Municipal de Colmar preferisse uma política de denominações que privilegia um sistema honorífico local ao nacional. A Prefeitura de Colmar e seus serviços culturais desempenham, assim, com muita convicção seu dever cultural.

Se nos interessarmos pelo tipo de vias batizadas, constatamos que os eixos centrais em Colmar não se caracterizam por uma neutralidade denominativa, ao contrário das outras cidades do interior. Com certeza, alguns eixos que delimitam os bairros têm bastante banalmente o nome das localidades vizinhas a que levam,

24 René Schickel (1883-1940) foi uma das figuras da literatura alsaciana do começo do século passado. Ele publicou diversas obras ora em alemão, ora em francês, nas quais buscava apresentar a Alsácia como uma região de dupla cultura, francesa e alemã.

mas nota-se a ausência de avenidas dedicadas a nomes de autores literários ou musicais. As grandes artérias de Colmar pertencem, em geral, ao sistema honorífico nacional (praça Joana d'Arc, estrada do general de Gaulle) ou evidenciam o aspecto republicano (Avenida da República, da Liberdade...). Colmar, de fato, atribui a seus grandes eixos, mais facilmente do que outros lugares, os nomes de personalidades com notoriedade nacional que satisfaçam a imagem do herói. Charles de Gaulle é o exemplo perfeito do herói pouco discutido, enquanto George Clemenceau é um herói incontestável. O homem de estado, o general do exército, o colonizador: tais são os principais tipos de heróis que as avenidas de Colmar representam. Quando a mesma pessoa reúne as funções de homem de Estado e de chefe militar, como foi o caso do general de Gaulle, ela representa, então, na unidade do plano espiritual e da responsabilidade, a forma mais elevada do heroísmo ativo.

Porque então não se encontra em Colmar a Avenida Albert Schweitzer ou ainda Louis Pasteur, que também são figuras incontestáveis? Outras personalidades, de uma outra época, não teriam merecido um tratamento melhor, concedendo-lhes uma avenida ou bulevar? Por exemplo, uma avenida Jean François Reubell²⁵ não teria sido uma honra desproporcional para esse cidadão de Colmar que também teve importância nacional ou mesmo internacional. Dessas personalidades que mereceriam que o Conselho municipal tomasse a iniciativa, já que o nome das avenidas não deve ser reservado apenas à elite política da Terceira República. A história não deveria ser a única inspiração dos hodônimos: por que a geografia, a botânica ou a musicologia não seriam louvadas da mesma forma que a história? Um dos temas dominantes de Colmar parece ser a toponímia local; esse tema, que decorre do bom senso e que perdura em Colmar através do bairro horticultor, é menos nobre ou menos interessante do que o tema histórico ou honorífico?

4. CONCLUSÃO

Dentre as diversas lógicas que se sucederam nas escolhas das denominações dos nomes de ruas na França, é impressionante observar a ascensão da politização do sistema denominativo. Essa ascensão atualmente parece natural, embora sua origem seja relativamente recente: ela foi concretamente inaugurada em Paris, em

25 Jean François Reubell (1747-1807) foi um dos homens políticos mais proeminentes da Revolução. Deputado na Assembleia Constituinte, depois na Convenção, ele foi também membro dos Comitês de Segurança Geral e de Saúde Pública. Terminou sua carreira política como diretor executivo da República.

1779, por figuras como Corneille, Racine, Molière e Crébillon e continua com entusiasmo ao longo da Revolução. Essa politização marcou significativamente as cidades do leste, da Alsácia e da Mosela, devido às mudanças frequentes de nacionalidade durante os grandes conflitos dos séculos XIX e XX: cada nova anexação implicava uma valsa de topônimos e inclusive de hodônimos. Os novos nomes provenientes desses conflitos só poderiam ser fortemente politizados considerando o contexto da modificação. Mais de cinquenta anos após o último episódio dessas mudanças, nota-se ainda em nível local a marca significativa da politização do sistema de denominação, principalmente nas diferenciações de tratamento da avenida e da rua, embora muitas avenidas estejam sujeitas a uma denominação relativamente neutra.

O localismo é outra constante nas escolhas dos hodônimos. Ele se manifesta através de aspectos diversos: a promoção de topônimos locais, a escolha de edis ou de personalidades locais nos nomes de ruas e praças. Em Colmar, essa escolha contemplou os antigos Stettmeister, assim como personalidades locais bastante diversas (escritores, industriais...): mesmo que os personagens assim homenageados sejam diferentes, o comportamento nessa cidade segue uma lógica que é encontrada praticamente em toda parte. Contudo, somos forçados a constatar que, mesmo que um grande trabalho de memória tenha sido realizado em favor dos personagens locais tanto em Colmar como em muitas outras cidades do interior, estes frequentemente ocupam apenas papéis secundários em relação aos heróis nacionais, aos quais são consagradas as avenidas.

Finalmente, a geografia dos hodônimos, mesmo que não acompanhe em tudo a geografia urbana é, contudo, indissolúvel desta. Da Idade Média até os dias atuais, nota-se um certo paralelismo entre as diversas fases de crescimento da cidade e as personalidades ou os temas selecionados para adornar simbolicamente as ruas. Esse paralelismo, já evidente na época medieval, acentuou-se com o crescimento espetacular da cidade no fim do século XIX e início do século XX. A conjuntura urbana, extremamente favorável durante esse período, coincidiu com a adoção definitiva do sistema honorífico nacional e permitiu que o panteão e os valores da Terceira República invadissem as cenas urbanas, progressiva ou massivamente, como foi o caso de Colmar em 1918. Hoje em dia, os novos hodônimos se inserem em uma nova fase do desenvolvimento urbano, do pós-guerra, e fazem referência às diversas transformações contemporâneas, como, por exemplo, a criação da Europa, encontrada, aliás, diretamente mencionada nos hodônimos da ZUP de Colmar. A questão da relação entre a geografia dos hodônimos de uma cidade e sua geografia urbana agora está estabelecida: o exemplo de Colmar fornece os primeiros

elementos da resposta, mas seria preciso, para ir mais longe, multiplicar os estudos de caso e considerar a situação de outras cidades – menores, maiores, mas antigas, mais recentes – de outras regiões para completar nosso conhecimento do tema.

Decididamente, a Geografia não podia ficar para trás no domínio do estudo dos hodônimos, na medida em que nossa disciplina, na parte dita humana, interessasse por objetos espaciais gradualmente moldados pelas sociedades. Um dos objetos espaciais mais emblemáticos e mais estudados pela Geografia atual é a cidade; um dos elementos urbanos onde a marca do tempo mais clara é a via de circulação! Era natural, então, que nos interessássemos por essas vias e redes em todos os aspectos, inclusive na sua denominação. Os nomes de rua são realmente um “belo tema”!

HISTORICAL AND GEOGRAPHICAL LOGIC OF STREET NAMES IN FRANCE: THE HODONIMIA AND EXAMPLE OF COLMAR

ABSTRACT

Street and place names have been defined according to well known historical principles and steps. They follow clearly distinguished stages like the medieval naming system; the honorific naming system and the politisation of the names; and the contemporary eclectism. The selection process of the names and the naming rules have changed: nowadays, in France, the names are defined by the town councils. Besides the general naming logic, some local peculiarities remain, as analysed through the case of Colmar in France.

KEY-WORDS: Street names, toponymy, urban geography, urban history, heritage, Colmar, naming logic.

LÓGICA HISTÓRICA Y GEOGRÁFICA DE LOS NOMBRES DE LAS CALLES EN FRANCIA: LA HODONÍMIA Y EL EJEMPLO DE COLMAR

RESUMEN

Los nombres de las calles y lugares han sido definidos de acuerdo con principios y pasos históricos conocidos. Siguen etapas claramente diferenciadas como el sistema de denominación medieval; el sistema de nombres honoríficos y la politización de los nombres; y el eclectismo contemporáneo. El proceso de selección de los nombres y las reglas de denominación han cambiado: hoy en día, en Francia, los nombres están definidos por los ayuntamientos. Además de la lógica general de nomenclatura, quedan algunas peculiaridades locales, como se analiza a través del caso de Colmar en Francia..

PALABRAS-CLAVE: Nombres de calles, toponimia, geografía urbana, historia urbana, patrimonio, Colmar, lógica de nombres.

5. REFERÊNCIAS

- BADARIOTTI Dominique. « Les noms de Rues en géographie. Plaidoyer pour une recherche sur les odonymes. » *Annales de géographie*, n° 625, 2002, p. 285-302.
- BADARIOTTI Dominique, VOINSON Laurent. « Logiques historiques et géographiques d'appellation des noms de Rue. L'exemple des odonymes de Colmar » *Historiens et géographes*, n° 377, 2002, p. 55-63.
- CIDADE DE COLMAR. Plan de la Ville de Colmar .- DK plan, Service information/communication de la Ville de Colmar. Bibliothèque centrale de prêts de la Ville de Colmar, Fonds Chauffour, 1998.
- CHAUFFOUR Ignace. *Chronique de Colmar*. Manuscrit autographe, demi-reliure, 188 feuillets in-folio, s/d.
- COMMISSION DES TOPONYMES DU QUÉBEC <<www.toponymie.gouv.qc.ca>>
- DUCY Marlyse. *Le rond point de l'Esplanade ?*, Ares flash, N°5011, sept 2015, p.2.
- GENDRON Stéphane. *La Toponymie des voies romaines et médiévales: Les mots des routes anciennes*, Paris, Errance, 2006
- HOLTZWARTH Jean Baptiste . *Annales et topographie de la ville de Colmar*. Manuscrit issu du fonds d'archivage Chauffour, 2 volumes, 275 et 128 feuillets in-folio, s/d.
- KAROLUS <<www.geneaguide.com>>
- LIVET Georges. *Histoire de Colmar*. Toulouse, Ed. Privat, 1983.
- NONN Henri . *Géographie et économie*. in art. *Colmar*, Encyclopédie d'Alsace .- Strasbourg, Publitotal, 1982-1986 , p.1824-1844
- NORA Pierre . *Les lieux de mémoire* Paris, Gallimard, 3tomes, 7 volumes, 1984-1992 .
- MELVILLE Herman. *Redburn ou sa première croisière*. Paris, Gallimard, 1976.
- MESSMER A. *Histoire (de Colmar)*. in art. *Colmar*, Encyclopédie d'Alsace. Strasbourg, Publitotal, 1982-1986 ,p.1932-1965
- MILO Daniel. *Les noms de Rues*. in Les lieux de mémoire, sous la dir. de P. Nora, Paris, Gallimard, tome II, *La nation*, vol 3, 1984 , p.283-320.
- VOINSON Laurent. *Les odonymes à Colmar*. Strasbourg, ULP, Faculté de Géographie, Mémoire de Maîtrise de Géographie sous la direction de D. Badariotti, 2000.